

JOSÉ HENRIQUE BORTOLUCI

O que é meu



«Não há texto sem filiação.»

ROLAND BARTHES

«De qualquer modo, desejamos um milagre
de oito milhões de quilômetros para o Brasil.»

GRACILIANO RAMOS

9	Recordar e contar
37	Agora você sabe
61	Vontade de ver
91	Nestor
97	Mata e mata
123	Manelão
129	Esse povo
143	Jaques
151	Boleia
163	O que é meu
185	<i>Agradecimentos</i>

Recordar e contar

*Se o meu pai, sempre fazendo ausência:
e o rio-rio-rio, o rio — pondo perpétuo.*

JOÃO GUIMARÃES ROSA,
«A terceira margem do rio»

Lembra que esse aeroporto o pai ajudou a construir pra você poder voar. Ouço essa frase do meu pai sempre que tenho de pegar algum voo no aeroporto de Guarulhos. E eu sempre me lembro, mas demorei para aprender. O pai caminhoneiro visita a casa, a esposa e os filhos. Ele chega, mas logo se vai. Chegavam ele e o caminhão, um par, quase uma coisa só, entidade que sobrava e faltava, impositiva e passageira. Eu, menino, queria que eles ficassem, queria que se fossem, queria ir junto deles.

Ele disse essa mesma frase quando estávamos a caminho daquele aeroporto em agosto de 2009, no dia em que embarquei para fazer meu doutorado em sociologia nos Estados Unidos. Nos meses em que me preparava para essa mudança, mostrei várias vezes a ele o estado de Michigan no mapa. Calculamos a distância entre Jaú e Ann Arbor, onde eu moraria pelos próximos seis anos. Meu pai não entende do mundo das universidades, não

domina as nomenclaturas e os rituais acadêmicos. Ele tem uma vaga noção do que significa fazer um doutorado. Mas de distâncias ele entende.

Oito mil quilômetros separam as duas cidades. Esse número não o impressionava. Ele tinha percorrido centenas de vezes essa distância ao longo de cinco décadas como caminhoneiro. Um dia ele pediu que eu calculasse quantas vezes seria possível contornar a Terra com a distância que ele cobriu como motorista.

E será que dá pra chegar na Lua?

No imaginário do meu pai, uma viagem da Terra à Lua de caminhão é coisa mais concreta do que minha vida de acadêmico, professor, escritor.

Palavras são estradas. É com elas que conectamos os pontos entre o presente e um passado que não podemos mais acessar.

Palavras são cicatrizes, restos de nossas experiências de cortar e costurar o mundo, de juntar seus pedaços, de atar o que teima em se espalhar.

Palavras eram o presente que meu pai trazia de caminhão em minha infância. Elas ressoavam isoladas — *boleia, transamazônica, carreta, rodovia, pororoca, Belém, saudades* —, ou então formavam narrativas sobre um mundo que parecia grande demais. Eu tinha que imaginá-las com todas as cores, gravá-las na memória, me agarrar a elas, pois logo meu pai iria embora para voltar só dali a quarenta, cinquenta dias.

.....

A maioria dessas histórias eram reconstruções de fatos que ele presenciou ou que ouviu nas estradas. Outras eram criações fantásticas: a caçada épica de uma ave gigante na Amazônia, a fábula de um carneiro que ele encontrou em uma rodovia e que levou para ser seu companheiro de boleia, viagens para além da fronteira com a Bolívia com grupos de hippies nos anos 1970. Muitas, imagino, misturavam relato e fantasia. Ele descreve em detalhes a aparição de Ovnis em uma rodovia do Mato Grosso, noites passadas em aldeias indígenas isoladas, brigas com soldados armados, resgates homéricos de caminhões tombados em barrancos.

Seu nome é José Bortoluci. Em Jaú, todos o chamam de Didi, mas na estrada ele era o Jaú. Ele nasceu em dezembro de 1943 na zona rural daquela cidade do interior de São Paulo, quinto filho de uma família de nove irmãos.

Meu pai estudou até a quarta série, trabalhou desde os sete anos no pequeno sítio da família, mudou-se com eles para a cidade aos quinze. Tinha apenas 22 anos quando se tornou caminhoneiro. *Eu era novo, mas tinha coragem de leão*. Começou a dirigir caminhões em 1965 e se aposentou em 2015. Era outro país esse que ele percorreu e ajudou a construir, mas que parece familiar nos últimos anos: um país tomado pela lógica da fronteira, da expansão a qualquer custo, da «colonização» de novos territórios, da vandalização ambiental, da vagarosa construção de uma sociedade de consumo cada vez mais desigual. As estradas

e os caminhões ocupam lugar de destaque nessa fantasia de nação desenvolvida onde florestas e rios dão lugar a rodovias, garimpos, pastos e usinas.

O caminhão trazia meu pai, roupas sujas e pouco dinheiro. Minha mãe se angustiava e trabalhava dobrado, cuidando dos dois filhos e costurando para fora.

Sou o filho mais velho. Entendi muito cedo que nossa vida familiar era assombrada pelo risco da pobreza extrema, pela inflação desenfreada, pelo adoecimento precoce.

Nos habituamos a viver em um estado de incerteza, submetidos à urgência das contas prestes a vencer e dos limites estreitos do que podíamos comer, conhecer, desejar. Nunca conhecemos a fome, em alguns momentos graças à ajuda de vizinhos, amigos e parentes quando a renda da minha família se esgotou e as cobranças a meu pai estavam em seu auge. Lembro-me, contudo, de me acostumar com aquela espécie de «meia fome que você sente com o cheiro de jantar vindo das casas das famílias mais abastadas», como descreveu a poeta dinamarquesa Tove Ditlevsen em suas memórias. Uma meia fome insistente que costumamos menosprezar, dando-lhe o nome enganoso de «vontade». No meu caso, essa sensação era atizada pelas propagandas de iogurtes e cereais açucarados que inundavam a TV nos anos 1980 e 1990, e que até hoje me provocam uma incômoda tentação que brota como um eco desafinado daqueles desejos passados.

.....

Boa parte das roupas que eu e meu irmão usávamos durante nossos primeiros vinte anos de vida eram de segunda mão, doadas por um tio ou por amigos da família, ou então compradas em «bazares da pechincha». Minha mãe, que costurava para ajudar com os gastos da casa, fazia questão de que elas estivessem impecavelmente limpas e reformadas. As mais novas eram «roupas de ir à missa», as mais velhas, para usar nos dias de semana.

Nossa casa era pequena e abafada, construída aos poucos no fundo da casa dos meus avós. A cozinha sem forro alagava com qualquer chuva mais intensa. Era nesse cômodo que eu e meu irmão estudávamos depois da escola e onde minha mãe trabalhava o dia todo. A trilha sonora vinha dos ruídos de sua máquina de costura e das canções do rádio, sintonizado em alguma estação local. Muito trabalho, pouco dinheiro, não havia tempo para desfazer o que foi tecido: nesta história não existem Ulisses ou Penélopes.

Minha mãe detestava que ele fumasse dentro de casa. Por isso, quando estava em Jaú, meu pai passava boa parte do tempo sentado em um degrau entre a cozinha e o pequeno quintal que ligava nossa casa à dos meus avós. Aquele degrau, espaço limite entre o dentro e o fora, concretizava o estado incerto que meu pai ocupava para mim, um homem que era ao mesmo tempo uma parte essencial da minha vida e um visitante sazonal que desorganizava o ritmo dos nossos dias.

.....

As cobranças financeiras a ele nunca cessavam. No ar da casa circulava um terror silencioso associado à expressão «cheque especial», que eu devo ter aprendido já nos meus primeiros anos. E, mais que qualquer outra, «dívida»: palavra sufocante que se espalhava pelos cômodos feito a fumaça dos cigarros. Essa palavra chegava de caminhão e ficava por lá mesmo depois da partida de meu pai. Até hoje, a palavra «dívida» me traz à mente o cheiro de cigarro e a imagem daquele degrau da velha casa da infância.

Não há quase nenhum registro escrito desses cinquenta anos de estrada — apenas dois cartões postais enviados à minha mãe e algumas notas fiscais amareladas na gaveta. Mas ele se lembra de muita coisa, e suas «madeleines» despontam quando menos se espera: uma imagem na TV faz com que se recorde de quando ficou dias seguidos sem comida, atolado em uma estrada lamacenta do sul do Pará; qualquer notícia de acidente grave no rádio abre uma caixa de histórias sobre os muitos que viu e o punhado que sofreu; histórias de aldeias, de caçadores, de paisagens tropicais distantes, de companheiros — alguns leais, outros não, a maioria deles já falecidos. Narrativas que vão desfilando e se recompondo sem o apoio de fotos ou anotações. Resta a memória de um senhor de quase oitenta anos, já um tanto embaralhada pelo tempo.

Eu vi tanta coisa, filho. Devia ter tirado foto, ter escrito. Celular, essas coisa assim, não tinha. Não existia não. A única coisa que dava era pra ter fotografado com uma Kodak, essa

.....

máquina de fotografia branco e preto, mas o pai nunca teve. Porque, se eu tivesse gravado tudo que eu fiz, você ia sentir o maior orgulho do seu pai. O que é meu é tudo aquilo que eu vi e gravei na memória. Então a única coisa que posso fazer é tentar recordar e contar.

São poucas também as fotografias em que meu pai aparece em suas viagens nesse período de cinco décadas. A maioria das fotos registra sua presença em datas comemorativas, quando estava com a família em Jaú.

Em uma dessas imagens estamos nós dois na cozinha da nossa casa. É meu aniversário de um ano, em novembro de 1985. Ele me segura no ar enquanto primos cantam parabéns em torno do bolo. Balões coloridos, copos plásticos azuis, uma garrafa de vidro de coca-cola compõem a cena. As mãos dele me seguram firme, e eu pareço confiante; mantenho o corpo ereto, apenas com as pontas dos pés tocando levemente a mesa com meus minúsculos tênis vermelhos. Olho para a câmera, meus olhos muito abertos e atentos, enquanto ele olha para mim. Meus cabelos eram mais claros do que são hoje, e os dele ainda não tinham perdido a cor: estão penteados para trás, compridos, brilhantes e besuntados de Trim, o creme de pentear que ele usou por décadas, até decidir recentemente que não usaria mais e manteria os cabelos curtos — o mesmo corte do meu avô na velhice. Minhas mãos brancas, pequenas, pousam na pele muito queimada de sol de meu pai, marcada pelo bronzeado desigual, típico dos motoristas

de caminhão, que ele ostenta até hoje, mesmo que sua pele tenha se desbotado e esteja pontilhada de manchas e cicatrizes. Uma mãozinha sobre seu braço, outra sobre os dedos de uma das mãos que me seguram. Essa é uma das poucas fotografias em que minha mãe não aparece (ela teria tirado a foto?).

Alguns dias depois da festa, meu pai voltaria à estrada para regressar a Jaú semanas mais tarde, talvez para o Natal, ou para o nascimento do meu irmão daí a seis semanas. Num diário que minha mãe manteve por anos, desde o início do namoro com meu pai em 1976 até pouco depois do meu nascimento, ela descreve esse tempo esgarçado pela distância: «Didi, como eu te amo, repetiria isso milhões de vezes se você estivesse todo dia aqui juntinho de mim. Mas sei que isso é quase impossível pois tenho de trabalhar e você também, para que possamos chegar até aquele ideal que pensamos. A distância traz a saudade, mas nunca o esquecimento».

Não sei qual é esse ideal de que ela fala e se hoje ela acredita que o tenha alcançado. Essa anotação é de 3 de junho de 1976, mas o tom empregado nessas linhas se repete dezenas de vezes nas páginas do caderno durante os nove anos seguintes.

Isolado em casa por causa do colapso do sistema de saúde na região de Jaú, uma das mais afetadas pelo coronavírus naquele triste início de 2021, meu pai parecia animado em contar suas histórias. Comecei a registrá-las em áudio

.....

em janeiro daquele ano em sucessivas visitas a ele e a minha mãe, sempre em noites quentes depois do jantar. Ele preferia conversar comigo no quintal, deitado numa velha rede que comprou nos anos 1970 em alguma cidade do Piauí e que o acompanhou por décadas em suas viagens.

Filho, essa conversa que nós tamo tendo aqui, você vai ter como lembrança, porque cê sabe que logo o pai vai embora.

Depois de uma dessas gravações, ele se perguntou em voz alta se conseguiria ver o livro publicado. Eu tenho me indagado o mesmo desde dezembro de 2020, quando ele me contou pela primeira vez sobre dores estranhas que sentia no abdome e sobre o sangue que aparecia em suas fezes havia algumas semanas.

No momento em que escrevo estas linhas, no início de 2021, meu pai, aos 78 anos, começa o tratamento para um câncer de intestino. O tumor brotou em seu corpo, se espalhou em nossa vida familiar e chegou até este livro.

O câncer foi diagnosticado no dia 29 de dezembro de 2020, antes de eu começar uma série de entrevistas com ele, mas depois de já ter dito que gostaria de gravar conversas nossas, para ouvi-lo falar da estrada, das histórias de sua vida, seus «causos», suas memórias e o que mais ele quisesse dizer.

Na primeira vez que comentei que escreveria um livro, ele me perguntou se isso seria bom para mim. Respondi que sim, que achava que sim. *Se é bom pra você, eu fico feliz.*

.....

No dia anterior ao diagnóstico, eu estava em São Paulo e havia passado a tarde toda fixado em mapas de rios amazônicos e em roteiros rodoviários pela região Norte do país. Li sobre períodos de cheias e de estiagem, sobre as épocas mais adequadas para visitar praias de rios, para navegar por igarapés ou para observar a mata nos seus entornos. Comecei a planejar uma viagem por toda a Transamazônica (conseguiria me virar por lá, já que não sei dirigir?). Encomendei três mapas da região, des- ses imensos de dobrar e desdobrar, além de guias rodo- viários detalhados, cartas geográficas daquelas rodovias que atravessam a floresta, os antirrios de asfalto que meu pai ajudou a construir nessa região que ele cruzou por décadas.

Naquela mesma noite, um cano do meu apartamento estourou. A água inundou todo o banheiro, parte da cozinha, a área de serviços, o corredor de entrada e logo se espalhou para fora do apartamento. Isso chamou a atenção da zeladora do prédio, que me ligou preocupada. Eu tinha saído de casa, mas consegui voltar rapidamente. A sala era a principal área afetada, toda ela coberta por um grosso cobertor líquido, um palmo de água sobre o chão de madeira, como um espelho que oscilava suave- mente refletindo abajures, poltronas, plantas e a imagem de meu corpo. O pequeno apartamento na região central de São Paulo, tão diferente da casa onde cresci, com móveis modernos que finalmente permitiam que eu criasse algo que parecesse um lar adulto de classe média, tomado por água que me chegava até as canelas.

.....

Senti excitação e medo. A água fora de lugar parecia cênica demais, um presságio ruim, como que saída de um romance colonial de Marguerite Duras ou de uma pintura surrealista. A água encharcou os meus sapatos, a barra das calças, almofadas, móveis de madeira e se infiltrou por milhares de pequenas rachaduras nos tacos da sala, fazendo com que eles se envergassem para sempre. No quarto, meu gato se escondia debaixo da cama, um dos poucos lugares poupados pela água.

O câncer também tem algo de transbordamento: ele é matéria deslocada, em frenética expansão.

Liguei para Jaú na manhã seguinte e perguntei para minha mãe qual o diagnóstico da biópsia de intestino que eles tinham acabado de retirar no laboratório. Ela se atrapalhou para ler a palavra estranha. Preferiu soletrar, e eu escrevi num pedaço de papel: a-d-e-n-o-c-a-r-c-i-n-o-m-a. Letra por letra a palavra se formou, cada letra uma célula que se juntou a outras para formar um significante novo, uma palavra-massa fora de lugar.

Uma rápida busca no Google me esclareceu que «adenocarcinoma» é o termo médico para um certo tipo de tumor que acomete tecidos epiteliais glandulares, como o do reto, caso do meu pai. Ela foi a primeira de muitas palavras que entraram em nosso crescente léxico familiar nos meses que se iniciavam. A doença não é apenas um fenômeno biológico, é também um novo reino de palavras, um emaranhado de vocábulos e expressões que colonizam

.....

nossa linguagem cotidiana. Todos nós vivemos isso nos últimos anos, quando o coronavírus nos forçou a mergulhar em uma lagoa terminológica de «médias móveis», «proteína spike», «imunidade de rebanho», «janela imunológica» e tantas outras. No caso de minha família, fomos também cercados por palavras em rápida multiplicação que passaram a circular pelo corpo do meu pai, a se ligar a ele e a lhe dar novos contornos.

Depois daquele termo inaugural, outras palavras e expressões foram se agregando: «estoma», «colostomia», «marcadores tumorais», «PET scan», «tumor colorretal». E «neoplasia maligna», a mais cruel de todas, talvez por remeter a uma espécie de drama moral, ou por ser a mais sincera.

Aprendo logo nas primeiras consultas médicas que o tabu com a palavra «câncer» não é restrito ao mundo dos pacientes e seus familiares. Um observador atento teria que se esforçar para encontrá-la em laudos, exames, rotinas hospitalares, conversas com médicos e enfermeiros. «Ele está com aquela doença» ainda é uma frase típica para nos referirmos a esse mal, e basta ter acumulado alguns poucos anos de vida para saber que «aquela doença» não é gripe, cólera ou pneumonia. A sua ausência parece deixá-la mais viva — nesse silêncio, todos sabemos que é de câncer que se trata.

Susan Sontag famosamente escreveu que «todos que nascem têm dupla cidadania, no reino dos sãos e no reino

.....

dos doentes. Apesar de todos preferirmos só usar o passaporte bom, mais cedo ou mais tarde nos vemos obrigados, pelo menos por um período, a nos identificarmos como cidadãos desse outro lugar». A escritora estadunidense conheceu bem essa condição de duplo pertencimento durante seus tratamentos contra o câncer, em uma série de recidivas que ela enfrentou durante seus últimos trinta anos.

Meu pai circula com esse novo passaporte. As marcas que ele passa a carregar e os rituais a que ele é submetido — a perene bolsa de colostomia, a intermitente sonda urinária, as visitas frequentes a hospitais, as cirurgias — assinalam sua cidadania no mundo dos doentes.

Em um famoso diálogo no romance *O sol também se levanta*, de Ernest Hemingway, um veterano de guerra e ex-milionário falido explica a um colega como se deu sua ruína econômica:

«— Como você faliu?

— De duas formas. Gradualmente e, então, de repente.»

Observando meu pai nos últimos anos, aprendi que envelhecer também obedece a esse ritmo duplo. Envelhece-se gradualmente: músculos perdem força, novas dores brotam no corpo, a catarata turva a visão, a audição deixa de captar nuances, escadas conhecidas tornam-se obstáculos olímpicos; cirurgias, internações e falecimentos de conhecidos passam a dominar as conversas com amigos e parentes da mesma idade.

.....

O que é meu

«Palavras são estradas. É com elas que conectamos os pontos entre o presente e um passado que não podemos mais acessar. Palavras são cicatrizes, restos de nossas experiências de cortar e costurar o mundo, de juntar seus pedaços, de atar o que teima em se espalhar.»

Durante cinquenta anos, entre 1965 e 2015, *Seu Didi* foi camionista nas estradas do Brasil. O país mudou, o mundo transformou-se, Didi adoeceu. Este livro conta a sua história, que é também a história de uma família, de um país e de uma época.

Num livro ao mesmo tempo bravo e terno, José Henrique Bortoluci parte de conversas com Didi, o seu pai, e leva o leitor numa viagem pelo passado e o presente de um homem comum, que viveu a ditadura militar e um quotidiano amargo, a chegada do «progresso» e a falta de oportunidades, o apagamento da individualidade, a ausência de futuro quando lhe é diagnosticado um cancro. Mas não só — o autor mergulha no baú das suas recordações, no diário da mãe, nas histórias dos companheiros do pai, e afina o tom com rara sensibilidade.

Feito literário incomum, *O que é meu* compõe um álbum de família onde desfilam personagens e episódios que não saíram da nossa memória: uma narrativa íntima, mediada pela idiossincrasia de quem escreve, e que se aventura por registos e territórios pouco explorados na literatura em língua portuguesa.

não-ficção literária | 3



Penguin
Random House
Grupo Editorial

www.penguinlivros.pt

[companhiadasletrasportugal](#)

[penguinlivros](#)

ISBN 9789897870583



9 789897 870583 >